

## Resina

in imagem.casadasciencias.org

### CITAÇÃO

Bismarck, M, Silva, RA (2017)  
Resina,  
*Rev. Ciência Elem.*, V5(03):042.  
[doi.org/10.24927/rce2017.042](https://doi.org/10.24927/rce2017.042)

### EDITOR

José Ferreira Gomes,  
Universidade do Porto

### RECEBIDO EM

7 de setembro de 2017

### ACEITE EM

8 de setembro de 2017

### PUBLICADO EM

30 de setembro de 2017

### COPYRIGHT

© Casa das Ciências 2017.  
Este artigo é de acesso livre,  
distribuído sob licença Creative  
Commons com a designação  
[CC-BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite  
a utilização e a partilha para fins  
não comerciais, desde que citado  
o autor e a fonte original do artigo.

[rce.casadasciencias.org](http://rce.casadasciencias.org)



### “A bela e o monstro”

As imagens científicas tendem a ser, por im-  
perativo comunicacional, objectivas, claras e  
monossémicas, isto é, possuírem uma única  
leitura. Mas, como imagens que são, pos-  
suem outros atributos que envolvem o restri-  
to rigor da comunicação científica, acrescen-  
tando à imagem uma mais valia, um poder  
especial de atração do nosso olhar.

O pensamento (e a civilização) ocidental  
revê-se e constrói-se arquetipamente sobre a  
estranheza das dualidades, sobre os conflitos  
dos opostos mas também nas atrações dos  
contrários, na unidade e complementaridade  
das dicotomias. A vida e a morte (eros e tha-  
natos), o corpo e a mente, o bem e o mal, a ma-  
téria e o espírito, a forma e o fundo, o belo e o  
horrível, são exemplos de termos que, sendo  
opostos, se fundem e confundem numa ten-  
são comum. Na presença dos opostos, cada  
elemento potencia as suas características no  
confronto com o outro, necessitando cada um  
da presença do outro: assim são inseparáveis  
e assim coexistem. Assim é o mundo.

Esta é uma fotografia que mantém os atri-  
butos de objectividade da imagem (centrali-  
dade do enquadramento, iluminação cuidada,  
eficácia da focagem, clareza descritiva) mas  
que realça à nossa percepção esta conju-  
gação indivisível dos contrários: o opaco e o  
transparente, o rugoso e o polido, o brilhante  
e o turvo, a cor e a sua ausência, o escuro e o  
claro, as formas complexas e as formas sim-  
ples, o irregular e a geometria.

Tanta tensão e complexidade numa ima-  
gem aparentemente tão “simples”.

Mário Bismarck  
Belas Artes/ Universidade do Porto  
[malmeida@fba.up.pt](mailto:malmeida@fba.up.pt)

Quando me falam em resina vem-me de ime-  
diato à memória a imagem de pinheiros no  
tronco dos quais tinham sido inseridas, atra-  
vés de um corte (ferida), pequenos “púca-  
ros” de barro onde se acumulava resina que  
brotava dessas plantas. Essa imagem, tão  
comum nos pinhais desde o final do século  
XIX até ao final dos anos 70 do século pas-  
sado (quando Portugal era o segundo maior  
produtor mundial), era a da então designada  
resina-de-pinheiro.

No entanto, a resina não é exclusiva das  
Gimnospérmicas arbóreas conhecidas como  
Coníferas, podendo ser encontrada noutras  
espécies, incluindo angiospérmicas, nomea-  
damente em *Myroxylon* sp., *Pistacia lentis-  
cus* (lentisco ou aroeira), *Acer* sp., etc.

A resina da imagem é a resina de um pi-  
nheiro, que é a mais procurada para fins in-  
dustriais e químicos, de onde se pode obter a  
aguarrás e o pez os quais podem ser usados  
na produção de inúmeros produtos e seus  
derivados, tais como: colas, gomas, graxas,  
lacas, terebentina, vernizes, etc.

Mas o que é então a resina? Trata-se de  
um líquido mais ou menos viscoso, em geral  
transparente e muito pegajoso, quase sem  
cor podendo ir até um amarelo acastanhado,  
de cheiro característico, que árvores resi-  
nosas, como os pinheiros, produzem no seu  
interior quando sofrem algum dano ou ferida  
no tronco.

Estes fluidos, compostos por terpenos e  
seus derivados (incluindo óleos e álcoois),  
são produzidos naturalmente, em canais  
resiníferos, isto é, em tecidos secretores in-  
tercelulares onde se acumulam, tendo por  
missão selar feridas e impedindo os ataques  
de fungos e de insectos fitófagos.

A resina mais famosa será o designado Âmbar, uma pedra semipreciosa. Composta por resina vegetal fossilizada proveniente de restos de coníferas e de algumas angiospérmicas.

Rubim Almeida Silva  
Ciências/ Universidade do Porto

